
Josué de Castro, o Mapa da Fome e o Mapa do Fim da Fome

Márcia Siqueira de Carvalho*

RESUMO

Josué de Castro, geógrafo e médico, produziu duas obras raras e de importância para a Geografia. Uma delas, Geografia da Fome, ainda é pioneira e atual diante dos novos mapeamentos do fenômeno no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Geografia, fome, Brasil.

Josué de Castro, geógrafo e médico, ainda não tem o devido reconhecimento da importância de suas obras pelos brasileiros, apesar de ter sido o pioneiro no estudo da fome no País e no mundo.

Autor de vários livros, entre eles, GEOGRAFIA DA FOME, morreu perseguido politicamente, cassado e exilado e o resgate de suas obras e de sua trajetória nunca foi tão necessária como agora. Um brasileiro que tanto contribuiu para se entender o grande problema deste país, é a constatação a que todos chegam após a leitura de GEOGRAFIA DA FOME.

O reconhecimento da atualidade desta obra pode parecer lugar comum e talvez este critério, o de olhar o anterior com os olhos do presente, não seja a melhor maneira de se reconhecer a excelência da obra na sua época. Mas ao compararmos com as últimas informações sobre a situação da fome no Brasil – o “Mapa da Fome” publicado em 1993 pelo IBASE e a recente pesquisa realizada pela Fundação Getúlio Vargas no ano de 2001 – a descrição e análise feita por Josué permanecem atuais. Não só pela metodologia geográfica da análise, mas pela infeliz constatação de que as tendências da realidade brasileira não se alteraram.

Os noticiários sobre a atual seca nordestina, descrevendo as doenças de carência e de subalimentação parecem ser repetições de secas anteriores, previsíveis e constantes a cada década, sem que as medidas mitigadoras ultrapassem os programas de distribuição de cestas básicas ou de criação de frentes de trabalho, este sem objetivos de diminuir o impacto das estiagens.

O mapeamento da fome e das carências alimentares na escala regional brasileira publicado pela primeira vez em 1946, ao ser comparado com o Mapa da Fome de 1993, independente das críticas à metodologia para as áreas rurais, manteve o quadro de carências alimentares e miséria predominantes nas regiões Norte e Nordeste. A situação analisada por Josué para as regiões Sudeste, Sul e Centro Oeste sofreu alterações, mas a fome ainda existe.

Duas questões ainda são tabus. A primeira é sobre o regime alimentar dos habitantes do sertão nordestino ser superior à zona da Mata nordestina, em termos qualitativos, exceto nos períodos de secas prolongadas. A alimentação do sertanejo era melhor do que o do litorâneo, segundo Geografia da Fome, por apresentar as proteínas da carne do gado miúdo e dos derivados do leite, fato

* Dr^a. em Geografia Humana. Docente do Departamento de Geociências da Universidade Estadual de Londrina. Coordenadora do Mestrado em Geografia, Meio Ambiente e Desenvolvimento. marcar@sercomtel.com.br

raramente destacado frente as imagens das secas. Outro tabu é a composição alimentar das plantas típicas do sertão e que não raro se tornam a única fonte de alimentos destes brasileiros nas situações extremas de carência. “A mucunã suja mata e lava da aleija”, segundo o adágio popular, mas revelou-se uma fonte de proteínas próxima da soja, de acordo com as pesquisas feitas por Josué. Neste sentido, ele desvendou que certas plantas tidas como venenosas, e por vezes consumidas, levaram à morte os seus consumidores mais pelo estágio de carência alimentar profunda e generalizada do que pela toxidade que se acreditava verdadeira.

O mapeamento pioneiro da fome brasileira foi feito com o resgate da história da economia e da política das regiões Norte e Nordeste. Traçou-se com detalhes o que alguns classificam como epopéia, e para outros uma viagem para a morte, a migração dos nordestinos fugindo da seca para os seringais amazônicos em busca do “Ouro Branco” – a borracha natural. Os que escaparam voltaram doentes, trazendo para os seus, não a riqueza, mas as doenças, como os atuais garimpeiros.

Desde aquela época da publicação, Josué já denunciava a exaustão dos solos pela agricultura comercial, assim como os seus efeitos prejudiciais sobre a fauna nordestina, e os impactos do pastoreio das cabras sobre a vegetação do Sertão, já fragilizada. Sobre a Mata Atlântica, ele já descrevia:

a destruição da floresta alcançou tal intensidade e se processou em tal extensão que, nesta região chamada da mata do Nordeste, por seu revestimento de árvores quase compacto, restam hoje apenas pequenos retalhos esfarrapados deste primitivo manto florestal. (CASTRO, 1969, p. 122)

Parece que ele está descrevendo um problema da nossa atualidade. Mas sua análise não ficou restrita às questões da Geografia Física como fatores da fome. Em relação às causas da concentração fundiária do nordeste açucareiro, foi traçado um perfil

alimentar das classes envolvidas no processo produtivo, além do quadro de diminuição das lavouras alimentares pelo crescimento da monocultura da cana-de-açúcar, pela necessidade crescente de matéria-prima na modernização dos engenhos centrais. Também já apontava os efeitos limitados dos “ensaios de fruticultura” e a área ainda pequena do cultivo permanente de cereais, verduras e frutas junto dos açudes, o que beneficiava apenas a parcela da população destes núcleos no semi-árido.

Este geógrafo e médico descreveu detalhadamente as principais doenças dos brasileiros em cada região em função das carências alimentares. Quem não irá se lembrar da carência de vitamina A, que leva à cegueira, quando escutar os cantores cegos das feiras populares? Pedindo licença aos escritores, ao reproduzir os trechos de livros que registraram as condições de carências alimentares e sociais do brasileiro, fez uma ligação entre a literatura e o trabalho científico, recurso que também foi utilizado para a cultura popular.

Alguns trechos são de um delicado sabor, ao elogiar os benefícios do óleo de dendê pela grande quantidade de vitamina A ou ao identificar a criação do café com leite – aquele que nos desperta todas as manhãs – fruto da criatividade de Joan Nieuhof na época da invasão holandesa no Nordeste. Ao tratar da contribuição de cada etnia formadora do brasileiro – brancos, índios e negros – identificou os alimentos nativos e estrangeiros que hoje formam a diversidade regional da nossa culinária, mas sob o ponto de vista da análise crítica do balanceamento de cada uma das dietas.

Outros trechos são instigantemente polêmicos, como os que Josué trata da relação entre a fome e o banditismo dos cangaceiros, o fervor religioso e místico dos retirantes e camponeses de Canudos, além do caráter no sertanejo: “esquizotímico, com sua curva de temperamento instável” mas de uma honestidade a toda prova – “É capaz de tratar durante anos de uma rês perdida, ficando sempre à espera do legítimo dono” (CASTRO, 1969. p. 249).

O prazer em reencontrar, ou mesmo em conhecer, a obra mais famosa de Josué de Castro é estar diante de uma pajelança com mil ingredientes – históricos, sociais, políticos, edafológicos, climatológicos, antropológicos, literários, folclóricos, biológicos, dietéticos, médicos, psicológicos, e tantos outros – elaborada com exemplar rigor metodológico geográfico. Não uma mistura de ingredientes apenas, mas uma bebida curadora para a nossa ignorância cultivada cuidadosamente na educação formal sobre situação da fome endêmica brasileira. Entre os alunos do curso de Geografia, raros são os que já leram uma de suas obras. Grande parte nem o conhece como geógrafo. E os demais alunos universitários?

Para felicidade nossa, há vários exemplares desta obra na Biblioteca Central da Universidade Estadual de Londrina, assim como outra obra do mesmo autor de qualidade semelhante – A GEOPOLÍTICA DA FOME, além do seu relançamento no seu cinquentenário de lançamento.

Na época da “globalização” da comida, da generalização do fast food e da substituição do feijão com o arroz na dieta do brasileiro pelas massas e produtos industrializados gordurosos (MENESES, 2001), a hipertensão, o diabetes, a obesidade se tornaram as novas doenças de parcelas mais pobres da população urbana. O número de crianças abaixo de cinco anos que estão abaixo do peso ainda é um grave problema no Brasil, fato diminuído pela atuação da Pastoral da Criança, uma organização não-governamental. Hoje, no Brasil, vemos a cena absurda em que uma parte dos brasileiros sofre os efeitos da obesidade, da vida sedentária e da dieta não tão saudável convivendo com as populações indígenas, a população mendicante de rua e trabalhadores com baixíssima renda ou desempregada, submetidas à fome e à subnutrição. Mais no campo do que nas cidades, apesar delas concentrarem cerca de 80% dos brasileiros, os famintos (“índigentes”) atingiram 32 milhões na pesquisa do Mapa da Fome. De grande produtor, recentemente o Brasil passou a importador de alimentos – trigo, arroz e feijão.

A política contra a miséria no Brasil é ineficaz e ineficiente, apesar do aumento de consumo de alimentos no início do Plano Real. O último estudo, divulgado em julho de 2001, pela Fundação Getúlio Vargas – O Mapa do Fim da Fome – mostrou que existe 50 milhões de brasileiros na escala da indigência, pessoas cuja renda familiar está abaixo de R\$ 80,00 o que representa 30% da população total (GOVERNO..., 2001, p.8). Comparando com a pesquisa anterior Mapa da Fome, feita pelo IBASE, são 18 milhões de brasileiros a aumentar este placar vergonhoso.

O Paraná, estado ao qual é atribuída a imagem de “Primeiro Mundo”, quer pelas indústrias atraídas ou pela diversidade étnica de sua população, tem perto de 20% de sua população formada por pessoas extremamente pobres e com péssimas condições de vida. De acordo com a pesquisa da Fundação Getúlio Vargas (2001), ao mapear a proporção de indigentes em relação à população total nos municípios do estado do Paraná tendo como base o Atlas do Desenvolvimento Humano, concluiu que ela diminuiu entre os anos de 1970 e 1980, mas voltou a crescer em 1991 nos principais municípios, acompanhando a tendência do estado e do Brasil. (Tabela 1)

Nos anos de 1998 e 1999, o nível de indigência calculado a partir de microdados do PNAD (IBGE) atingiu valores máximos entre 27,6% e 35,3% nas mesorregiões do Centro-Sul Paranaense e do Sudeste Paranaense. (FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS, 2001)

Na citada reportagem, destacou-se o fato do recolhimento do trabalho Mapa da Pobreza no Paraná, elaborado pelo IPARDES e datado de 1997, logo após o início de sua distribuição para as prefeituras. O motivo seria o desempenho ruim do estado neste quesito, apesar da negativa do governo em relação a este fato (GOVERNO..., 2001, p. 8). Embora empregando metodologia diferente da FGV, os seus resultados revelam os espaços geográficos paranaense onde estão as maiores carências de moradias e dos seus moradores: Andirá, Jandaia do Sul (Norte); General Carneiro, Paula Freitas (Centro-Sul); Capitão Leônidas Marques e Pranchita (Sudoeste).

Independente da metodologia adotada, sem casa e sem renda, estes paranaenses certamente têm pouca comida para colocar

no prato. Diante disso, Josué de Castro ainda está, infelizmente, muito atual.

Tabela 1 – Mapa da Pobreza Municipal - Paraná.

Municípios	População Indigente PO (%)		
	1991	1980	1970
Brasil	46,46	39,47	67,90
Paraná	41,13	39,13	74,77
Cascavel	30,79	31,23	71,14
Colombo	28,38	27,34	66,58
Curitiba	13,48	10,27	30,38
Foz de Iguaçu	28,05	16,84	65,64
Guarapuava	50,42	40,71	74,48
Londrina	23,43	21,92	54,54
Maringá	15,77	17,40	53,37
Ponta Grossa	34,78	23,10	51,75
São José dos Pinhais	25,38	25,12	56,25

Fonte: CPS / FGV a partir do Atlas do Desenvolvimento Humano, apud FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS (2001)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTRO, Josué. Geografia da Fome: o dilema brasileiro: pão ou aço. 11 ed., São Paulo: Brasiliense, 1969.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS/IBGE. O Mapa do Fim da Fome: Metas Sociais contra a miséria nos municípios paranaenses. Julho de 2001. Documento em formato pdf. 23 p.

MENESES, Francisco. Panorama Atual da Segurança Alimentar no Brasil. Disponível em <http://www.ibase.br/paginas/san.html>. Acesso em 14/08/2001.

GOVERNO tentou encobrir miséria no PR. Folha de Londrina, Londrina, 19 jul. 2001. p. 8.

Josué de Castro, Hunger's Map and the Hunger's End Map

ABSTRACT

Josué de Castro, geographer and medicine doctor, wrote two rare and detachable geographical works. Geography of Hunger is pioneer book and still keeps updated facing news Brazilian hunger mappings.

KEY-WORDS: Geography, hunger, Brazil.